

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Serviço de Música

ENCONTROS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

GRANDE AUDITÓRIO, Sexta-feira, 24 de Junho de 1977 - 21.30 h.

P R O G R A M A

A.SCHÖNBERG

Sinfonia de câmara, op.9

(versão para cinco instrumentos de Anton Webern)*

J.MESTRES-QUADRENY

Três cânones em homenagem a Galileu *
piano e magnetofones

LUIS DE PABLO

PATRIMONIO UC

"Dejame hablar" para 12 cordas (1974) *

TOMÁS MARCO

Autodafé (Concerto Barroco nº 1) (1975) *

ORQUESTRA GULBENKIAN

Maestro: Juan-Pablo Izquierdo

Solistas: Jean Pierre Dupuis, piano
Anthony Pringsheim, flauta
Helen Saunders, clarinete
Manuel Villuendas, violino
Clélia Vital, violoncelo

* Primeira audição em Portugal

NOTAS EXPLICATIVAS

ARNOLD SCHOENBERG (1874-1951) - Sinfonia de Câmara, op. 9 (1906),
versão para cinco instrumentos,
de Anton Webern

Uma obra de transição, em que os traços evidentes do romantismo recordam um passado próximo, enquanto se desenha nitidamente a estética nova: carácter profundamente contrapontístico - densidade da escrita - instrumentação de "solistas" - cromatismo intenso no quadro tonal -, enfim, um elemento importante que não escapou à vigilância dos comentadores: o emprego dum acorde de seis tons (sol-dó-fá-si bemol-mi bemol-lá bemol) que implica duas constatações: trata-se dum acúmulo de quartas, e o acorde será utilizado à maneira dum série, exposta de entrada pela trompa. Eis pois as primícias do sistema serial. Segundo o próprio Schoenberg, este tema em quartas não é o resultado dum especulação teórica, mas impôs-se à sua imaginação criadora e, no seu Tratado de Harmonia, o músico explica assim o processo composicional desta pseudo-série: "Brotando dum necessidade expressiva completamente diferente, as quartas vêm aqui formar um tema de trompa solidamente construído; distribuem-se através de toda a obra de maneira arquitectural e apõem a sua marca em tudo o que se passa. Assim, não aparecem somente como melodia ou simples efeito de acorde impressionista, mas o seu carácter particular penetra toda a estrutura harmónica: são acordes como os outros". A primeira consequência dum tal utilização dum acorde-tema será a não-dissociação da harmonia e da melodia, que a música serial permitirá em breve realizar perfeitamente.

A estes diversos títulos, a Sinfonia de câmara op. 9 pode ser considerada como o tipo da obra de transição. Na época da sua criação, numa Viena reaccionária, ela suscitou um escândalo memorável.

CLAUDE SAMUEL

J. MESTRES QUADRENY - "Três cânones em homenagem a Galileu"

JOSEP M. MESTRES QUADRENY nasceu em Manresa (Barcelona) em 1929. Estudou ciências na Universidade de Barcelona e música com C. Taltabull. Participou activamente na animação musical de Barcelona, no aspecto de introdução e difusão da nova música: "Círculo Manuel de Falla" (1952), fundação de "Música Aberta" (1960), "Conjunto Catalão de Música Contemporânea" (1968), "Laboratório de Música Electroacústica Phonos" (1973) e "Grupo Instrumental Catalão" (1976). Actualmente participa na direcção destas duas últimas entidades e toma parte da Junta de Actividades da "Fundação Joan Miró". A sua música distingue-se por um espírito de permanente renovação de linguagem e a incorporação de novas técnicas tanto na própria composição como no uso dos instrumentos. O seu campo de

exploração é muito vasto e estende-se desde obras interpretadas por "não músicos" como o próprio público (self-service) até obras compostas com computadores ("Ibémia"). Colaborou com artistas plásticos como Miró, Tàpies, Villèlia e T. Codina. Realizou música acidental para teatro e cinema. Com Joan Brossa realizou diversas obras de teatro musical, bailado e ópera.

Ultimamente participou como docente nos cursos de Nova Música de Darmstadt, e colaborou em "Testimonium" de Jerusalem.

Escreveu umas cinquenta obras para orquestra, câmara, solistas, etc., das quais cabe destacar: "Quartet de Catroc", "Digodal", "Doble Concert", "Tramesa a Tàpies", "Suite Bufa", "Aronada", "Homenatge a Joan Prats" e "L'estro aleatorio".

"Três cânones em homenagem a Galileu" (1965). O compositor actual é tido muitas vezes pelo vulgo como ignorante da grande técnica da tradição. Nada mais afastado da realidade no caso de Mestres Quadreny, que realiza nesta obra uma das suas mais belas produções, um exercício de virtuosismo de escrita, ao mesmo tempo que rende o seu tributo de admiração por ocasião do IV centenário do nascimento do ilustre sábio. A ideia é singular e de uma eficácia indiscutível, consistindo em utilizar um circuito fechado de fita magnetofónica que atravessa em disposição triangular três gravadores a distintas distâncias temporais relativas. A execução imediata do solista é gravada pelo primeiro aparelho e sucessivos até se criar uma situação canónica perfeita, de uma complexidade crescente. Tais cânones, de efeito surpreendente, admitem uma série de possibilidades tanto no aspecto instrumental como no formal...

JOSEP CASANOVAS PUIG

LUIS DE PABLO - "Déjame Hablar"

LUIS DE PABLO nasceu em Bilbau, em 1930. Iniciou os estudos de piano e solfejo em Fuenterrabia. Em 1952 termina em Madrid o curso de Direito, e retoma os estudos musicais em regime particular. Em 1953 faz as suas primeiras experiências seriais, baseando-se na leitura da "Technique de mon langage musical" e do "Mode de valeurs et d'intensité" de Olivier Messiaen. No ano seguinte troca a escrita serial rigorosa pela procura de uma técnica serial com elementos livres. Em 1959 funda o grupo "Tiempo y Música", que revela ao público de Madrid a maioria das obras de música de câmara contemporânea, tanto espanholas como estrangeiras. Entretanto é nomeado presidente da Juventude Musical Espanhola. Passa a frequentar anualmente os Cursos de Verão de Darmstadt. Desempenha as funções de director artístico da Bienal de Música Contemporânea de Madrid. Em 1965 forma o grupo "Alea", que prossegue a linha de orientação de "Tiempo y Música". É chamado a dirigir o primeiro estúdio de música electrónica que se cria em Espanha. Dois anos mais tarde, obtém uma bolsa da Academia Alemã de Intercâmbio, que lhe permite trabalhar em Berlim durante um ano. Em 1968 é eleito membro da Sociedade Europeia de Cultura. Luís de Pablo é autor de grande número de livros, ensaios

e artigos de divulgação mundial. Tem feito parte de vários júris internacionais, e dado cursos e conferências na Alemanha, Itália, Polónia, Estados Unidos e América do Sul. Foram-lhe encomendadas obras pelos Festivais de Royan, Donaueschigen, Zagreb, Darmstadt, Hamburgo, Baden-Baden, etc.

Entre a sua produção, contam-se as seguintes obras: "Móvil I" para dois pianos (1958), "Radial" para oito grupos de 3 instrumentos (1960), "Polar" para 11 instrumentos (1961), "Glosa" para voz e 4 instrumentos (1961), "Prosodia" para 6 instrumentos (1962), "Cesuras" para 6 instrumentistas (1963), "Módulos I" para três blocos de instrumentos (1965), "Iniciativas" para orquestra (1966), "Módulos II" para orquestra (1966), "Módulos III" para 17 instrumentos (1967), "Módulos IV" para quarteto de cordas (1967), "Módulos V" para órgão (1967), "Imaginario II" para grande orquestra (1967), "Heterogeneo" para órgão Hammond, dois declamadores e grande orquestra (1968), "Por diversos motivos" (1969), "Protocolo" (1969) e "Je mange, tu manges" (1971).

Luis de Pablo é hoje, no dizer de Claude Rostand, "não somente a personalidade dominante da escola espanhola - da qual foi um dos primeiros a libertar do nacionalismo estreito, para lhe conferir uma ressonância universal - mas também uma das personalidades mais relevantes da música actual em todo o mundo, graças ao impulso que soube dar às novas técnicas e às soluções pessoais e originais que encontrou, para exprimir um excepcional temperamento inventivo e poético".

"Déjame Hablar" para 12 cordas foi composta em 1974 a pedido de Claudio Scimone para o seu conjunto "I Solisti Veneti" a quem é dedicada. A partitura é escrita para seis violinos, duas violas, dois violoncelos e um contrabaixo. Toda a obra deriva de um só acorde - obtido por combinações numéricas com letras - que funciona tanto como "presença", tanto como "ausência".

A obra é formada por duas partes bastante contrastadas e uma coda muito curta que se encadeia na segunda parte. Na realidade, é uma obra com chave, e, como na maior parte destes casos, a chave serviu de pretexto para a composição. O auditor atento adivinhará qualquer coisa. Isso basta-me.

LUIS DE PABLO

TOMAS MARCO - "Autodafé"

TOMAS MARCO (ver biografia no programa do dia 22 - 21H30)

"Autodafé" (Concerto Barroco nº. 1) é uma obra composta em 1975 para piano principal, três grupos instrumentais, órgão e um eco de violinos. A obra, sem carácter descritivo, pretende ser, como a maioria das composições do seu autor, a cristalização numa forma musical de hoje de uma série de preocupações de índole cultural. Parte o compositor de uma reflexão sobre a cultura histórica espanhola e seus esforços pela liberdade de expressão coartados em muitos momentos pelas práticas inquisitoriais e os autos da fé (para o título escolheu-se a palavra francesa "autodafé" por se ter internacionalizado). O subtítulo de "Concerto barroco" alude tanto a

uma transposição para os nossos dias das formas do concerto no barroco como a persistência dos elementos barrocos ao longo de toda a cultura espanhola histórica e actual, assim como o gosto do barroco espanhol por certos espectáculos complicados e terríveis como a tauromaquia e os autos de fé.

Alguns materiais da obra foram tomados de obras históricas espanholas, singularmente de Cabezón, Soler, Albéniz e Falla, mas não se trata tanto de conseguir uma "collage", nem sequer que estes materiais sejam percebidos pelo público como citações, senão de uma hipótese de trabalho como ponto de partida pessoal para uma obra que quer ser uma forma sonora de nosso tempo.

"Autodafé" obteve em 1975 o Prémio "Arpa de Oro", o mais importante prémio espanhol para música de câmara, e posteriormente foi distinguido em Paris com o Grande Prémio da UNESCO 1976, entre 82 obras participantes.

TOMAS MARCO

